

## **O EGITO E A ESTRATÉGIA DE *REGIME CHANGE*: QUANDO O FEITIÇO VIRA CONTRA O FEITICEIRO**

Egypt and Regime Change Strategy: When the Tables are Turned

*Paulo Fagundes Visentini<sup>1</sup>*

### **As Forças que Disputam o Egito**

As massivas manifestações de rua no Egito produzirão efeitos internos e externos muito mais sérios que os da Tunísia. O Egito possui 83 milhões de habitantes, tem sido o coração do mundo árabe e ocupa uma posição geopolítica sensível, pois liga dois oceanos via canal de Suez, dois continentes (África e Ásia) e faz fronteira com Israel e a faixa de Gaza. Além disso, representa uma peça chave na estratégia dos Estados Unidos e da União Européia. As ondas de choque produzidas por uma mudança política violenta e imprevisível poderão afetar toda a região por longo tempo e alterar as correlações de força regionais.

Que regime é este e que forças se lançam contra ele? As forças armadas têm sido o principal pilar do poder desde que implantou a república em 1952, através de um golpe de Estado que levou Nasser ao poder. Sadat, que o sucedeu após sua morte em 1970, e Mubarak, que assumiu quando este foi assassinado em 1981, foram militares, assim como Nasser. Mas o Egito não pode ser caracterizado como um regime militar, pois estes sempre evitaram exercer diretamente o poder, ainda que gozando de privilégios. Houve sempre uma poderosa burocracia civil e, com os dois últimos, uma influente classe empresarial.

Da mesma forma, Mubarak foi sempre um líder hábil que estabilizou o Egito depois dos tumultuados anos de Nasser e Sadat. A transição que está acontecendo agora

---

<sup>1</sup>Coord. do Curso de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da FCE/UFRGS. paulovi@ufrgs.br

deveria ter ocorrido há vinte anos, e o desaparecimento do regime provocará um caos preocupante. Mas uma das vantagens do atraso egípcio é que a sociedade está relativamente madura para evitar um islamismo desestabilizador que era dominante naquela época. Se houvesse eleições agora, muito provavelmente a Irmandade Muçulmana, um partido criado nos anos 1920 e atualmente proscrito, venceria com vantagem. Mas ele está dividido entre uma ala moderada e uma retrógrada.

Há uma força nova, que o acadêmico Tarek Osman denomina de capitalistas liberais, liderada por Gamal Mubarak, o filho do presidente<sup>2</sup>. Ele domina a maior parte das atividades econômicas, financeiras e de serviços, apoiando-se em favores do regime. Mas há igualmente uma classe média ressentida pelas práticas do desgastado regime e uma maioria esmagadora de jovens, a maioria pobre e desempregada, parte dela sensível ao discurso islâmico e outra ao modernizador. Detalhe importante, o Egito já é uma sociedade bastante internacionalizada, daí a razão do governo haver cortado a internet e as conexões telefônicas.

Há pressão internacional para que Mubarak encontre uma solução e a nomeação do chefe da inteligência, General Omar Suleiman, à vice-presidência vaga desde 1981 foi reveladora. Mubarak busca apoio do exército para a manutenção temporária do poder e a preparação de uma transição pactuada envolvendo personalidades consideradas pelo povo como não corrompidas. A posição do exército será, portanto, decisiva. O Faraó Ahmose, fundador do Novo Império egípcio definia seu mandato faraônico como manter a ordem (*maat*) e evitar o caos (*isfet*). Esta é a visão tanto de Mubarak como dos militares, mas a longa presidência apenas equilibrou forças tradicionais e novas sem um projeto futuro, que o Egito hoje reclama. O tempo para uma transição é curto e o caos representa uma possibilidade não desprezível.

### **O Regime Resiste**

A formação de uma ampla aliança de forças opositoras, que teve inicialmente como porta-voz ElBaradei demonstra uma tentativa de criar um pólo com poder de

---

<sup>2</sup> Para compreender a crise atual, ver Tarek Osman. *Egypt on the brink*. Yale University Press, 2010.

negociar uma transição desde fora do regime de Mubarak. Mas ele dificilmente fala em nome dos islâmicos, que o vêem como um “homem do Ocidente”, apesar de não corrompido. Baradei, por sua vez, criticou o apoio que os EUA segue dando ao governo, ao que outros acrescentam a Europa, Israel e regimes árabes. O temor ao caos fez, inclusive, com que Israel autorizasse o exército egípcio entrasse no Sinai para proteger a fronteira.

As manifestações, inicialmente, haviam pegado o regime e as potências Ocidentais desprevenidos, pois parecia haver “estabilidade” há três décadas. Depois de alguns dias de perplexidade e paralisia, em que inclusive o discurso das potências clamava por democracia, ocorre uma inflexão. Primeiro, as grandes potências e Israel se deram conta do risco de caos que poderia se seguir ao súbito desaparecimento do regime, excessivamente centrado em Mubarak. Necessitam do regime para uma transição que preserve posições estratégicas e estabilidade no Oriente Médio, atenuando o terremoto que assola as ruas da região, sendo necessário ganhar tempo.

Em segundo lugar, o regime tem forças que o apóiam e as está mobilizando, enquanto busca dividir a oposição com o anúncio de que o presidente não concorrerá à sexta reeleição. Assim ganha tempo para uma transição, com apoio militar, que manteria uma versão do regime e encontraria uma saída pessoal aceitável. Todavia, não está claro que nível de violência esperar neste quadro indefinido.

O governo egípcio, astutamente, preparou uma forma encoberta de repressão. Primeiro, depois de falhar a repressão direta, libertou presos comuns e retirou a polícia das ruas, gerando uma onda de pânico na população e na comunidade internacional. As potências Ocidentais enviaram, então, a mensagem ambígua de que não desejavam a repressão violenta nem o caos. Mubarak entendeu que deveria conter as manifestações sem violência aberta, leia-se, do Estado. O exército, ao mesmo tempo, disse que não atiraria na população, o que preserva seu papel de “mediador” em última instância.

Então, o regime mobilizou seus apoiadores e milícias (voluntárias e pagas) para conter os manifestantes e assustar a imprensa internacional, gerando demanda por maior autoridade para controlar os confrontos. Enquanto isto, avançam as manobras para

dividir a oposição: a família Mubarak não concorre, o vice-presidente define perfil moderado para candidatos e inicia diálogo com alguns grupos de oposição.

### **Dimensões Econômicas e Internacionais**

A crise do Egito e de outros países árabes não é apenas política, mas também econômica. Em todos os países hoje afetados por turbulências políticas, houve um forte aumento de preços dos alimentos, combustíveis e serviços. Isto decorre de um aumento mundial, mas foi potencializado pela crise econômica dos EUA e da Europa, que demandam aos demais países “sacrifícios e ajustes”, que eles mesmos não fazem.

Se a instabilidade perdurar por muito tempo, a falta de turistas ampliará a crise interna, afetando a região e, por extensão, os mercados financeiros (qual a real capacidade do Ocidente de fornecer ajuda em grande escala, sobretudo se outros países entrarem em crise?). Curiosamente a economia egípcia estava com bom desempenho, sobretudo devido aos crescentes investimentos chineses (a ajuda americana tem diminuído ano a ano), mas o problema maior é o elevado desemprego. Dificilmente a crise será contida de forma sólida sem mudanças sócio-econômicas, mas para isto, é necessário paz na região, mas como romper o ciclo vicioso?

A crise egípcia afeta profundamente o Oriente Médio pelo peso e posição do país. Não se trata apenas do efeito demonstração e dos riscos que um possível caos pode trazer à região, pois uma intervenção externa geraria fortes ondas de choque e a uma radicalização, como se depreende da atitude das grandes potências, de Israel e mesmo da Autoridade Palestina.

O que já provoca reflexões de vários analistas é a política externa de um regime pós-Mubarak, seja moderado ou radical. Em duas décadas se formou um vácuo estratégico na região, pois todos os países árabes, a Turquia e o Irã enfrentam problemas, enquanto a nova geração que governa Israel demonstra acomodação pelo grau de segurança que obteve em relação aos vizinhos. Mais do que o impacto de transformações políticas na Jordânia, Síria e Líbano, o que preocupa é que um Egito depurado teria uma diplomacia mais assertiva e constituiria uma liderança de que os árabes carecem, ainda que com meios limitados.

### **A Renúncia de Mubarak e a Transição Pelo Alto**

A pressão norte-americana pela renúncia de Mubarak deveu-se ao temor de ver emergir no Egito um duplo poder, o do Estado e o das ruas, que precede as revoluções. Isso já estava acontecendo, pois o governo não mais governa, a economia está paralisada e as forças políticas, após décadas de inércia, estão ganhando um dinamismo imprevisível. O vácuo gerado pela crise do governo tem sido coberto pelo Estado (leia-se militares), com desgaste crescente pela permanência do detestado presidente, agora abandonado por seus aliados externos. Com a manutenção da pressão das ruas, embora não mais num clima de ruptura, o exército aparece como recurso de poder direto, para encaminhar uma transição sem Mubarak, o que amplia as possibilidades de negociação com algumas forças opositoras.

Israel sente inquietude frente ao acelerado e incerto processo (Ehud Barak foi a Washington negociar), mas a administração Obama tomou a decisão de agir, não apenas para salvar o Egito do que considera pior, mas para aproveitar a situação criada como forma de desenhar uma estratégia que supere os atuais impasses estratégicos do Oriente Médio. O que não está claro é se o vice-presidente Suleiman conseguirá coordenar o processo ou terá de dar seu lugar a militares profissionais e a tecnocratas não abertamente comprometidos com o regime.

A renúncia do presidente Hosni Mubarak foi resultado da pressão popular, mas também norte-americana e das forças armadas, por distintas razões. A multidão que saiu às ruas desejou não apenas a saída do homem que governou o país com mão de ferro por três décadas, mas também o fim do seu regime autoritário e da corte de favorecidos que controla a economia. Querem também a melhoria do nível de vida. Já os Estados Unidos, desejam um novo governo que satisfaça (ou ao menos acalme) os egípcios, sem comprometer a estabilidade da região.

Já a junta militar, além de reverenciar as vítimas e declarar o acatamento da vontade popular, agradeceu ao presidente que renuncia, “por sua dedicação ao país na guerra e na paz”. Não apenas porque são seus colegas de farda e foram um dos pilares do regime, mas porque Mubarak não se considera um usurpador e sim um patriota. Ele resistiu por isto e porque, por trinta anos, foi recebido como estadista amigo nos

palácios Ocidentais. Jamais imaginou que o poder pudesse se desfazer no ar tão rapidamente.

Agora dois desdobramentos são possíveis: as massas se acalmam e voltam ao trabalho, enquanto os partidos negociam e arranjam uma solução intermediária, ou elas consideram que a saída do desgastado Mubarak foi mais uma vitória no caminho de “mudanças radicais”, e vão pedir mais. Assim, ainda que a renúncia tenha sido um fato extraordinário, que encheu a sociedade de júbilo, o problema de gerar uma alternativa política segue inalterado. O exército procurou se preservar para este momento, ao não adotar uma postura repressiva, mantendo-se como uma alternativa de dentro, em contraposição ao clamor que vem de fora (do Estado). O problema é que falta algum nome com carisma para as eleições, e o risco de uma instabilidade prolongada é um cenário bem provável.

### **Mundo Árabe: Revolução (Democrática) ou Revolta?**

A inédita onda de protestos que tem varrido o mundo árabe nas últimas semanas deixa no ar uma questão crucial: ele ingressa numa nova era de superação de regimes autoritários, ou vive mais uma de suas periódicas explosões de ira? Sem dúvida há uma crise geral, mas em cada país a realidade é diferente. O Marrocos logrou fazer uma transição bem sucedida entre dois reis há uma década, a Tunísia parece ter conseguido uma transição sem uma ruptura radical, a Síria mantém o *statu quo*, da mesma forma que, precariamente, a Jordânia, e a Líbia, apesar de Kadafi estar há mais de quatro décadas no poder.

Os Emirados Árabes vivem a crise de seu capitalismo *Disney World*, a Arábia Saudita está perdendo sua longa estabilidade e o Iraque (na prática, dividido em três) dispensa comentários. Mas há três países que definirão a futura tendência da região: Egito, Argélia e Iêmen. O primeiro é o centro do mundo árabe, afeta diretamente a posição de Israel e o esquema estratégico Ocidental, tendo sido analisado acima. Na Argélia nada foi resolvido desde que, há vinte anos, um golpe militar impediu os islâmicos de assumirem o poder, mas a sociedade está exausta.

Já o Iêmen, localizado no sul da península arábica e defronte aos piratas somalis, controlando a saída do Mar Vermelho, é um país gravemente fragilizado. O governo é herdeiro de uma república nasserista (cuja sociedade clama por democracia e desenvolvimento), mas tem de enfrentar grupos terroristas ligados à Al-Qaeda, tribalismo muçulmano e socialistas do antigo Iêmen do Sul (absorvidos em 1990 mas que já estão reivindicando novamente a independência). Trata-se de um país pobre, super-povoado, a beira do colapso e que ocupa uma posição geopolítica vital.

Os árabes não são diferentes dos demais povos e desejam a mesma coisa: uma vida digna. Mas eles se encontram divididos quanto ao caminho a percorrer para atingi-la. Como em outras oportunidades ao longo da história, o desfecho dependerá também da atitude que os poderes do mundo tenham em relação a eles. Mas a pergunta é: o Ocidente compreende realmente o problema?

## **RESUMO**

Este artigo analisa a recente crise do Egito e de outros países árabes, a partir de suas dimensões domésticas e internacionais, discutindo as origens e seus impactos.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Egito; Países árabes; Crise.

## **ABSTRACT**

This article analyzes the recent crisis in Egypt and other Arab countries, from its domestic and international dimensions, discussing the origins and impacts.

## **KEYWORDS**

Egypt; Arab countries; Crisis.